

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

FUNCIONAMENTO DAS FAMÍLIAS

Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares

CÁTIA MACHADO CERVEIRA

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2015

Funcionamento das famílias

Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares

Cátia Machado Cerveira

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira

Coimbra, outubro de 2015

Agradecimentos

Foi uma longa caminhada para chegar até aqui, mas não foi sozinha que o consegui. Como tal, aproveito para fazer alguns agradecimentos especiais:

À Professora Doutora Joana Sequeira, pelas horas despendidas, pelas orientações, pela sinceridade, pela objetividade, pela entrega a este trabalho e pela motivação que nos foi dada ao longo desta etapa.

Aos Professores Doutores Helena Espírito Santo, Sónia Guadalupe e Henrique Vicente, pela disponibilidade e pelo empenho na realização deste trabalho.

Aos que de uma maneira ou de outra estiveram implicados na realização das traduções, em especial ao Hugo Rodrigues, à Joana Cerveira e ao Pedro Granja.

Aos alunos, que participaram neste trabalho e que dedicaram algum do seu tempo para a recolha da amostra.

A todas as famílias, que aceitaram colaborar e fazer parte integrante do nosso trabalho.

Aos meus pais, pois sem eles, nada disto, mas nada mesmo, seria possível. Se não fossem eles, havia uma grande probabilidade de nem sequer me ter candidatado ao Ensino Superior. Hoje, iria estar bastante arrependida, visto que me sinto uma mulher muito mais realizada a todos os níveis. Proporcionaram-me experiências incríveis, que se não tivesse tido o apoio deles não seriam possíveis. Amo-vos, simplesmente.

A toda a minha família mais próxima, que sempre esteve do meu lado e a meu lado nos momentos mais especiais, e os que não estiveram presentes fisicamente, estiveram em pensamento que eu sei.

À Rita, à outra Rita e à Raquel por sempre se preocuparem comigo e nunca me terem deixado baixar os braços quando era o que mais queria.

À Sónia e à Maria Inês por terem sido as minhas companheiras de guerra, de tanto trabalho juntas, pelos stresses e pelas gargalhadas. Mas principalmente, pelo sentimento de “Nós conseguimos!”.

Resumo

Objetivo: Este estudo tem como objetivo analisar a percepção do funcionamento familiar em diferentes tipologias familiares – famílias nucleares intactas, monoparentais e reconstituídas.

Participantes: Participaram neste estudo 1089 pessoas, adultos e adolescentes num total de 387 famílias.

Instrumentos: Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV) e a Escala Familiar de Autorresposta – Versão II (SFI).

Resultados: As famílias nucleares intactas percebem-se como sendo mais coesas, flexíveis, saudáveis/competentes, com uma melhor comunicação e menos desmembradas em comparação com as famílias monoparentais. Os pais percebem a família como sendo mais coesa, emaranhada, flexível, com uma melhor comunicação e menos desmembrada do que os filhos. Os participantes com um rendimento superior a 600 euros percebem as suas famílias como sendo mais flexíveis e referem-se mais participantes do que os sujeitos com um rendimento inferior a 600 euros. Existem diferenças nas famílias nucleares intactas e monoparentais, que se encontram nas diferentes etapas do ciclo vital, nas dimensões coesão, flexibilidade, emaranhamento, rigidez, subescala caótica e comunicação.

Palavras-chave: Tipologia familiar; funcionamento familiar.

Abstract

Purpose: This study aims to analyze the perception of family functioning in different family typologies - intact nuclear families and single parents families as well as reconstituted families.

Participants: The study included 1089 people, adults and adolescents in a total of 387 families.

Instruments: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV) and the Self-Report Family Inventory - Version II (SFI).

Results: The intact nuclear families perceive themselves as being more cohesive, flexible, healthy/competent, with better communication and less disengaged when compared to single parent's families. Parents perceive the family as being more cohesive, enmeshed, flexible, with better communication and less disengaged than their children. Participants with an income higher than 600 euros per month perceive their families as being more flexible and refer being more satisfied than participants with less than 600 euros of income per month. There are differences in intact nuclear and single parent families at different stages of the life cycle in the cohesion, flexibility, enmeshed, rigid, chaotic and communication subscales.

Keywords: Family typology; family functioning.

1. Introdução

Este estudo tem como finalidade analisar a percepção de funcionamento familiar em diferentes configurações de famílias, quanto à sua constituição, nomeadamente, famílias nucleares intactas clássicas, monoparentais, reconstituídas e alargadas.

O estudo das características das novas formas de família e a reflexão sobre o impacto no funcionamento familiar que a composição da família tem e, naturalmente, dos eventos que levam a essa configuração, tem sido alvo de grande atenção e debate em particular, na área da psicologia e da terapia familiar.

Eventos traumáticos, como a morte, o divórcio, acidentes, entre outros, são desencadeadores de alterações na estrutura da família e no seu funcionamento, podendo mesmo ter um papel central na disfunção da família. Numa perspetiva oposta à perspetiva da perturbação que estes eventos podem causar, as crises desencadeiam e mobilizam forças e recursos nas famílias e nos sujeitos que as constituem que podem levar a uma organização familiar mais ajustada, adaptativa e resiliente. Porém, poucos são os estudos e os instrumentos que avaliam de forma integrada o funcionamento da família. A maioria dos instrumentos foca-se em variáveis muito específicas da família que pouco representam a complexidade do seu funcionamento. Por outro lado, o funcionamento da família também se altera ao longo das etapas do ciclo vital da família e dos eventos com que esta se depara, implicando uma análise contextual da família.

Olson e colaboradores, em 1979, desenvolveram um modelo explicativo do funcionamento da família – o Modelo Circumplexo – que permanece válido e útil até aos dias de hoje.

O Modelo Circumplexo constitui a base teórica da FACES (Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar). O modelo descreve diferentes tipos de famílias, tendo em consideração aspetos chave do funcionamento familiar – coesão e adaptabilidade. A comunicação também é considerada como um elemento facilitador das duas dimensões centrais (Falceto, 1997).

A coesão é a ligação emocional entre os vários elementos da família. A adaptabilidade prende-se com a habilidade da família alterar a sua estrutura, os papéis e as regras, com o objetivo de dar resposta às necessidades desenvolvimentais (Gonçalves & Pereira, 2011).

De acordo com Olson (2000), os níveis extremos da coesão, desmembrada e emaranhada, são designados por níveis desequilibrados, considerando-se que possam ser

problemáticos no funcionamento familiar. No que respeita aos níveis intermédios da coesão - separada e ligada - são considerados indicadores de equilíbrio.

Para Olson (2000), também a dimensão da adaptabilidade apresenta quatro níveis, sendo eles: rígida (extremamente baixa), estruturada (baixa e moderada), flexível (moderada a alta) e caótica (extremamente alta). Os níveis extremos da flexibilidade, rígida e caótica, são indicadores de um funcionamento desequilibrado e de vulnerabilidade/disfunção familiar. Já os níveis intermédios da flexibilidade são tidos como equilibrados e são indicadores de uma flexibilidade ajustada.

Seguindo o modelo circumplexo, existe ainda a dimensão da comunicação familiar que facilita a gestão da proximidade a promoção de mudanças na coesão e na flexibilidade. Os aspetos fundamentais valorizados na comunicação familiar são as habilidades de escuta, de diálogo, a partilha de sentimentos, capacidade de dar seguimento a uma conversa, a clareza, o respeito e a consideração pelos elementos da família (Olson & Gorall, 2003).

Segundo Falceto, Busnello e Bozzetti (2000), estas 16 combinações familiares irão resultar em três grupos, sendo eles: o grupo de baixo risco (famílias com coesão e adaptabilidade médias), o grupo de risco moderado (famílias em que os resultados são equilibrados numa dimensão e extremos noutra) e famílias de alto risco (famílias em que ambos os resultados são extremos em ambas as dimensões).

De acordo com Cluff, Hicks e Madsen (1994, citado por Smith, 1996), as famílias funcionais obtém resultados equilibrados das dimensões da coesão e da adaptabilidade (resultados intermédios) e as famílias disfuncionais obtém resultados mais baixos e mais altos das duas dimensões (resultados extremos).

De seguida é apresentado o Modelo Circumplexo, onde se podem observar os 16 tipos de famílias (Figura 1) e o Modelo Circumplexo Tridimensional (Figura 2).

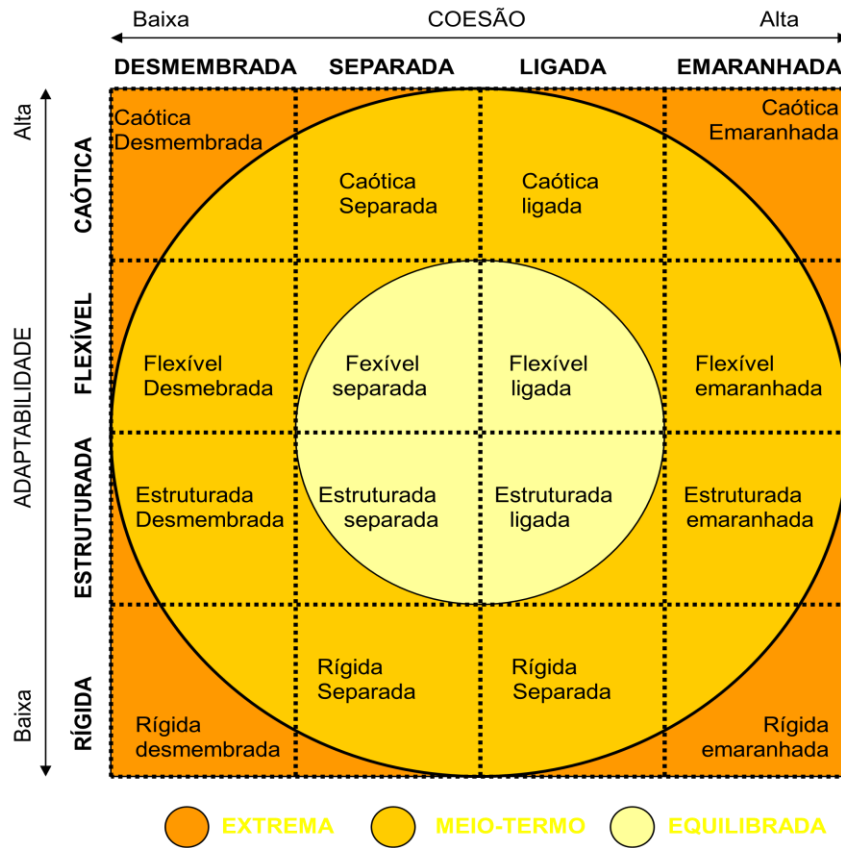


Figura 1. Modelo Circumplexo (Olson, Bell & Portner, 1992)

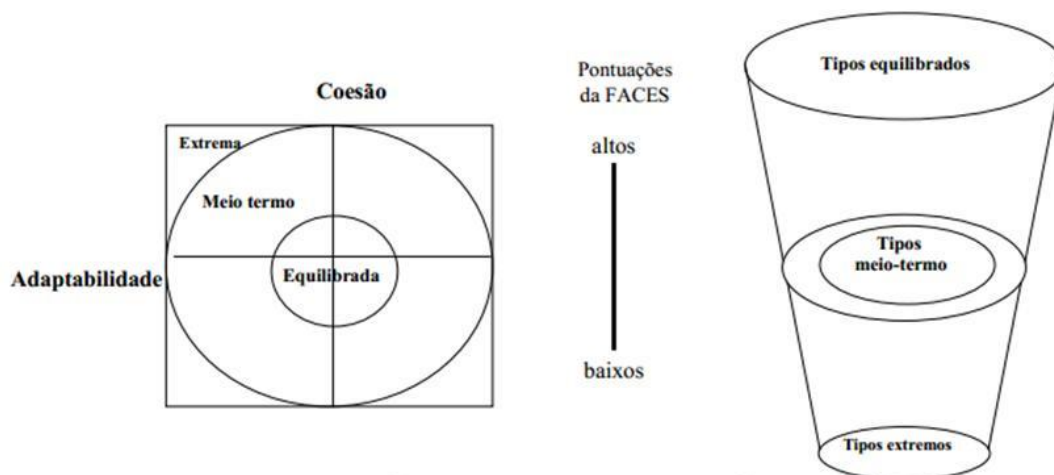


Figura 2. Modelo Circumplexo Tridimensional (Olson, Bell & Portner, 1992)

Associado a este modelo, foi desenvolvido um conjunto de escalas FACES (Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar), que avaliam e medem a coesão e adaptabilidade e a comunicação das famílias.

A importância do estudo do funcionamento familiar associa-se à necessidade de compreender as características das famílias quando o seu funcionamento é saudável, desequilibrado ou disfuncional. A família desenvolve-se num processo dinâmico de evolução e mudança ao longo do ciclo vital, das crises e eventos pelas quais passa. A tipologia familiar tem sido uma das variáveis mais estudadas quanto ao impacto que a estrutura e a composição da família têm no funcionamento familiar, quanto mais não seja por questões políticas e de intervenção social, que têm insistido e protagonizado um enfoque negativo, quanto ao funcionamento da família, associado às chamadas novas formas de família. Na verdade, a sociedade em geral, e de alguma forma também a investigação nesta área, têm pontuado negativamente o funcionamento das famílias que não correspondem à família nuclear intacta clássica.

Por família nuclear intacta, entende-se que coabitem na mesma casa pais e filhos, isto é, que se encontrem os subsistemas, individual, conjugal, parental, filial e fraternal, no caso de existir mais do que um filho, em que cada subsistema tem funções específicas e delimitadas (Calil, 1987). Também para Barker (2000), a família nuclear é constituída por marido, mulher e filhos, em que, de acordo com Alarcão (2002), este conjunto de elementos estão ligados por laços biológicos e afetivos e realizam atividades em conjunto.

Um estudo realizado por Shek, Xie e Lin (2015), teve como objetivo investigar as diferenças de funcionamento entre as famílias intactas e as outras tipologias familiares. Este estudo contou com 3151 participantes adolescentes, em que 2616 pertenciam a famílias nucleares intactas e 535 participantes pertenciam às restantes tipologias familiares. Concluíram que as famílias nucleares intactas percecionam-se como tendo uma melhor comunicação e como tendo menos conflitos do que as restantes famílias. As famílias nucleares intactas pontuam mais nas dimensões do controlo parental que as famílias de outras tipologias, os adolescentes de famílias nucleares intactas apresentam um controlo psicológico mais elevado do que os adolescentes de famílias que não são nucleares intactas, e por fim, conclui-se que os adolescentes pertencentes a famílias nucleares intactas estão mais satisfeitos com o controlo exercido pelos pais do que os adolescentes das famílias que não são nucleares intactas.

Outro estudo realizado por Almeida (2014), teve como objetivo analisar o modo como se relaciona a perceção dos adolescentes e dos pais sobre o tipo de funcionamento familiar e o autoconceito dos filhos adolescentes, nas diferentes configurações familiares. Neste estudo participaram 70 agregados familiares, onde 70 participantes eram filhos adolescentes, 67 eram mães e 40 eram pais. As escalas utilizadas para a realização deste estudo foram a Escala

de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar II (FACES II) e a Piers-Harris Children's Self-Concept Scale 2 (PHCSCS-2).

Relativamente aos resultados deste estudo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas diferentes configurações familiares ao nível do funcionamento familiar percebido, à exceção dos adolescentes que percecionam o funcionamento familiar de uma forma mais negativa do que os pais. Contudo, e apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas, as famílias nucleares intactas apresentam níveis de coesão e adaptabilidade mais satisfatórios do que as outras configurações familiares (monoparentais, reconstituídas e alargadas). Sobre o autoconceito, constatou-se que este parece diferir nas várias configurações familiares e que os adolescentes das famílias nucleares intactas apresentam uma perceção de autoconceito superior. Concluindo, verificou-se também que a perceção do autoconceito do adolescente está relacionada com a perceção do funcionamento familiar, em que quanto mais funcional a família se percebe, melhor é o autoconceito do filho adolescente.

No que respeita à família monoparental, o subsistema parental está representado por um dos elementos, isto é, os filhos vivem apenas com um dos pais (Alarcão, 2002). A família monoparental pode surgir da ocorrência de uma crise, separação ou divórcio, viuvez ou progenitor solteiro.

Um estudo realizado por Grzybowski (2003), com 51 mulheres, divorciadas e de classe média que assumiam a guarda dos filhos, teve como objetivo estudar as famílias monoparentais femininas quanto a cinco áreas da satisfação, sendo elas: a económica/profissional, a psicológica, a afetivo-sexual, a parental e a de apoio social, avaliado com uma escala construída para o efeito. Verificou-se que estas famílias percecionam a sua satisfação familiar de uma forma mais negativa que o esperado. Assim sendo, pode-se concluir que de uma forma geral as famílias monoparentais deste estudo não estão satisfeitas no que respeita aos vários tipos de relacionamento – profissionais, afetivos, familiares, ou de amizade – mostrando uma forte tendência para o emaranhamento na díade mãe-filho.

Outro estudo realizado por Wall e Lobo (1999), utilizando os dados estatísticos do INE (Instituto Nacional de Estatística), retira três conclusões relativamente às famílias monoparentais em Portugal, sendo elas: 1) cada vez menos a família monoparental resulta de viuvez, filhos fora do casamento ou pais fora e a causa mais frequente de monoparentalidade são os divórcios ou separações; 2) existem atualmente três situações de monoparentalidade distintas, pais/mães já de uma certa idade a viverem com filhos já adultos, mães/pais solteiros

a viver com filhos menores, e mães/pais separados ou divorciados a viver com os filhos com menos de 25 anos; 3) o perfil das famílias monoparentais portuguesas é semelhante ao perfil de alguns países da Europa do Sul, isto é, existe uma proporção muito baixa de pais/mães a viverem com filhos menores em comparação com os pais/mães a viverem com os filhos adultos e a existência de uma proporção elevada de famílias monoparentais a viver com outras pessoas e/ou núcleos familiares.

Ainda sobre a monoparentalidade, um estudo realizado por Lucas (2012), teve como objetivo analisar a perceção que famílias monoparentais femininas têm das suas forças familiares, do suporte social e da sua saúde mental. Para tal, este estudo contou com a participação de 43 mães de famílias monoparentais, com uma média de idade de 38 anos, solteiras ou divorciadas/separadas, e utilizou o Questionário das Forças Familiares (QFF), a Escala de Apoio Social (EAS) e Mental Health Inventory (MHI5).

Os resultados obtidos referem uma boa perceção, por parte das mulheres, ao nível das forças familiares, do suporte social e da sua saúde mental, uma vez que estas variáveis se correlacionam entre si de uma forma positiva e significativa. As mães com um menor número de filhos e as que percecionam um bem-estar psicológico apresentam uma melhor perceção das forças familiares, em comparação com as mães que têm um maior número de filhos e que têm um aparente sofrimento psicológico.

De acordo com Marangoni e Júnior (2011), as famílias reconstituídas têm origem num casamento em que pelo menos um dos cônjuges já foi casado e teve outra família da qual resultam filhos. Segundo Alarcão (2002), as famílias reconstituídas incluem pessoas que já tiveram famílias nucleares e que atualmente formaram outra família.

O estudo realizado por Kennett (2001), teve como objetivo avaliar os efeitos dos papéis parentais e a influência que a idade e o sexo dos filhos têm no funcionamento familiar desta tipologia, contando com a participação de 120 participantes de 33 famílias reconstituídas. Este estudo desenvolveu-se através da aplicação da Escala de Ajustamento Diádico (DAS), da Escala do Ambiente Familiar (FES) e do Questionário de Papéis e Comportamentos Parentais (PRBQ).

Os resultados deste estudo mostraram que os papéis e comportamentos parentais eram executados de acordo com as expetativas/estereótipos convencionais. No entanto, os enteados mais velhos tendem a visualizar-se de uma forma mais negativa no que respeita ao seu funcionamento, tal como os padrastos no que respeita às suas funções parentais com os filhos mais velhos. A última conclusão a que este estudo chega, é que o funcionamento familiar nas famílias reconstituídas é bastante influenciado pelo funcionamento do casal, pelo sexo do

enteado mais velho, ou seja, o funcionamento é melhor quando o enteado mais velho é do sexo feminino, e pelo nível de concordância entre os membros da família relativamente aos valores parentais.

As famílias alargadas são constituídas por elementos que podem ser ascendentes, descendentes ou colaterais da família nuclear, isto é, do ponto de vista do casal, pode ser constituída por pais, netos ou tios/sobrinhos (Alarcão, 2002).

De acordo com Minuchin e Fishman (1981; citado por Vicente & Sousa, 2010), a família alargada possui uma influência determinante nas funções familiares nucleares, uma vez que estas preservam laços emocionais que estão relacionados com o passado.

O estudo realizado por Vicente e Sousa (2010), contou com a participação de 25 famílias multigeracionais e teve como objetivo aprofundar as famílias multigeracionais/alargadas quanto à intervenção e compreensão no e do funcionamento familiar, constata que as gerações mais idosas desempenham funções familiares fundamentais, facultando-lhes assim uma posição de maior relevo no sistema familiar alargado.

Conclui-se também que o desempenho destas funções contribui de forma relevante para o desenvolvimento dos indivíduos.

Concluindo, e de acordo com o estudo realizado por Rúa (2005), os vários tipos de família atuais dão a conhecer à sociedade novas dinâmicas familiares, as quais se vão refletindo numa evolução que por um lado podem causar sérios problemas sociais, mas que por outro lado podem consistir em novas formas congruentes de viver que até agora eram desconhecidas, mas que possivelmente serão aprovadas com o passar do tempo. Assim, é fulcral estar consciente destas mudanças e ter a capacidade de analisar e avaliar o que pode ou não ser saudável para o funcionamento familiar, rejeitando o que possa não ser saudável de forma a garantir uma vida pessoal, familiar e social harmoniosa.

2. Metodologia

Este estudo tem como objetivo analisar a percepção de funcionamento familiar em diferentes configurações de famílias, quanto à sua constituição, nomeadamente, famílias nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas e alargadas.

2.1. Participantes

Participaram neste estudo 1089 pessoas, adultos e adolescentes que vivem juntos, correspondendo a 387 famílias de diferentes configurações: família nuclear intacta (n = 242), famílias monoparentais (n = 78), famílias reconstituídas (n = 13), famílias alargadas (n = 8), casal sem filhos (n = 37) e famílias com filhos fora do agregado familiar (n = 9).

Tabela 1.
Caraterização dos participantes

Variável	Mínimo	Máximo	Média	DP
Idade	12	83	36,24	15,08
Rendimento mensal	250	10000	1615,64	960,61
Variável	Frequência		% válida	
Sexo	Masculino	503	46,2	
	Feminino	585	53,7	
	Total	1089	100,0	
Estado civil	Solteiro	411	37,8	
	Casado	538	49,4	
	União de facto	42	3,9	
	Divorciado	70	6,4	
	Separado	3	0,3	
	Viúvo	24	2,2	
	Total	1088	100,0	
	Habilitações Literárias	Sem habilitações	1	0,1
Não completou o 1º ciclo		5	0,5	
1º ciclo		66	6,1	
2º ciclo		119	11,0	
3º ciclo		223	20,5	
Secundário		391	36,0	
Bacharelato		13	1,2	
Licenciatura		225	20,7	
Mestrado		36	3,3	
Doutoramento		5	0,5	
Pós-Graduação		2	0,2	
Total	1086	100,0		

DP = desvio padrão.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 12 e os 83 anos, tendo como média de idades 36,24. No que respeita ao rendimento mensal do agregado familiar, o rendimento mínimo é de 250 euros e o rendimento máximo é de 10 000 euros, tendo como rendimento médio de 1 615,64 euros.

Observa-se que de 1089 participantes, 503 são do sexo masculino (46,2%) e 585 são do sexo feminino (53,7%). Relativamente ao estado civil, 538 participantes são casados (49,4%) e 411 são solteiros (37,8%).

Relativamente às habilitações literárias podemos constatar que de 1086 participantes, 391 concluíram o secundário (36%), 225 têm uma licenciatura (20,7%) e 223 concluíram o 9º ano de escolaridade (20,5%).

A amostra é de conveniência, recolhida através do processo de bola de neve (Olson, 2011).

2.2. Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Tem como objetivo a caracterização das famílias.

Está dividido em cinco partes: 1) identifica o elemento da família que está a preencher o questionário; 2) aborda as questões sociais, habilitações literárias, a situação profissional, a constituição do agregado familiar e a raça/etnia; 3) inclui as variáveis demográficas; 4) rendimento médio mensal da família; e 5) pergunta se a família tem filhos fora do agregado.

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV)

A FACES IV surge em articulação com o modelo circumplexo e as escalas FACES. Foi desenvolvida por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004, tem 62 itens divididos em seis subescalas: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade) e quatro escalas desequilibradas (desmembrada e emaranhada, no que se refere à coesão; e rígida e caótica, no que se refere à flexibilidade) (Olson, 2011). Além destas seis subescalas, a FACES IV, divide-se em mais duas subescalas: a comunicação e a satisfação. Os itens 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52 da FACES IV correspondem à escala da comunicação familiar, em que pontuações altas são indicativas de uma boa comunicação familiar. Já os itens 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61 e 62 da FACES IV correspondem à escala da satisfação familiar, em que quanto mais altas forem as pontuações mais satisfeita a pessoa está em relação à sua família.

A FACES IV apresenta uma boa consistência interna e os *alphas de Cronbach* variam entre 0,77 para a escala emaranhada e 0,93 para a satisfação familiar. Os valores para cada

escala da versão original estão representados na Figura 3 que se segue (Gorall, Tiesel & Olson, 2004, 2006; citado por Videira, 2013).

Versão Original (Gorall, Tiesel & Olson, 2004, 2006)	
Equilibradas	
Coesão	.89
Flexibilidade	.84
Desequilibradas	
Desmembrada	.87
Emaranhada	.77
Rígida	.82
Caótica	.86
Total FACES IV	
Comunicação Familiar	
Satisfação Familiar	
	.93

Figura 3. Consistência interna da escala original da FACES IV

No nosso estudo, o *alfa de Cronbach* total da FACES IV é de 0.81. No que respeita às diferentes dimensões, a coesão apresenta um *alfa de Cronbach* de 0.77, a flexibilidade de 0.64, a desmembrada de 0.74, a emaranhada de 0.47, a rígida de 0.65, a caótica de 0.73, a comunicação de 0.90 e a satisfação de 0.94.

No que respeita à cotação da escala, apresentamos de seguida as grelhas, nas figuras 4 e 5, com as instruções a seguir para a realização da mesma (Videira, 2013).

Grelha de Cotação da FACES IV						
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.
	7.	8.	9.	10.	11.	12.
	13.	14.	15.	16.	17.	18.
	19.	20.	21.	22.	23.	24.
	25.	26.	27.	28.	29.	30.
	31.	32.	33.	34.	35.	36.
	37.	38.	39.	40.	41.	42.
Total	A ____	B ____	C ____	D ____	E ____	F ____
Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.	48.
	49.	50.	51.	52.		
Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.	58.
	59.	60.	61.	62.		

Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação.

Somatório de valores da P.1. a P.52: 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente

Somatório de valores da P. 53 a P. 62: 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito

Figura 4. Grelha de cotação da FACES IV

No que respeita à pontuação a FACES IV pode resultar num mínimo de 62 pontos e num máximo de 295 pontos. Assim sendo, cada subescala equilibrada e desequilibrada pode variar entre 7 e 35 pontos. Já as subescalas da comunicação e da satisfação familiar podem variar entre 10 e 50 pontos, cada uma.

Resultado bruto da escala	Percentis	Resultado bruto da escala	Percentis
_____ A converte para	_____ %	_____ D converte para	_____ %
_____ B converte para	_____ %	_____ E converte para	_____ %
_____ C converte para	_____ %	_____ F converte para	_____ %

Figura 5. Grelha de conversão dos resultados da FACES IV

A soma dos resultados brutos correspondentes às letras A, B, C, D, E e F são colocados nos respetivos espaços e são convertidos em percentis através de uma tabela (ver tabelas nos anexos 1, 2, 3 e 4).

Depois de convertidos, os resultados percentuais podem ser colocados numa folha de perfil, apresentada a baixo na Figura 6 (Videira, 2013).

O perfil permite identificar as dimensões mais saudáveis ou mais problemáticas da família, oferecendo também uma visão geral da família. É também possível enquadrar a família nas diferentes tipologias familiares definidas pelos autores, podendo existir comparação entre grupos. Estas tipologias podem-se encontrar na figura 6 que se segue.

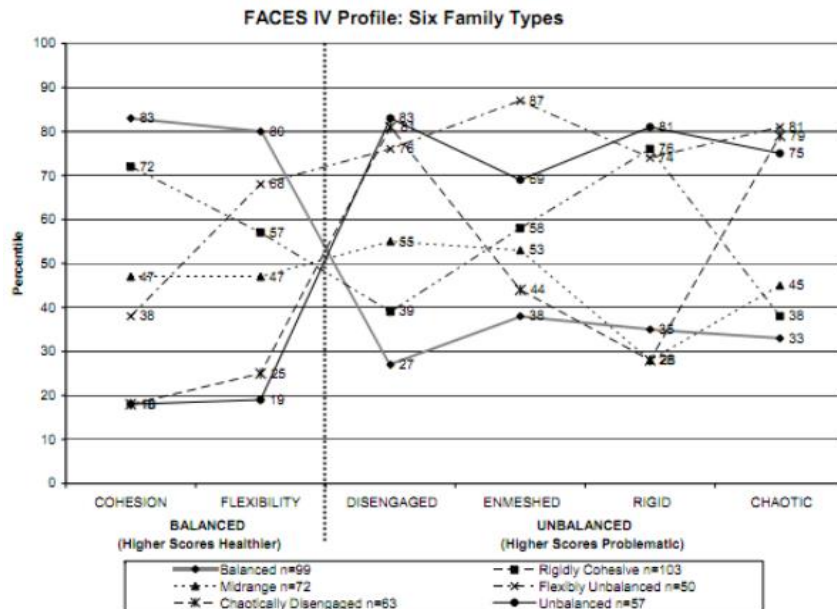


Figura 6. Folha de Perfil representativa das 6 tipologias familiares

Com a FACES IV é também possível encontrar o rácio da coesão, da flexibilidade e o rácio total, permitindo a avaliação da família tentando perceber se esta é equilibrada/saudável ou se é desequilibrada/problemática. O resultado obtido pelos rácios permite também comparar a quantidade relativa de características equilibradas e desequilibradas existentes no sistema familiar. Assim, os rácios podem ser calculados através das seguintes fórmulas (Olson, 2010):

$$\text{Rácio da Coesão} = \frac{\text{Coesão equilibrada}}{[(\text{Emaranhada} + \text{Desmembrada})/2]}$$

$$\text{Rácio da Flexibilidade} = \frac{\text{Flexibilidade equilibrada}}{[(\text{Caótica} + \text{Rígida})/2]}$$

$$\text{Rácio Total} = \frac{[(\text{Coesão equilibrada} + \text{Flexibilidade equilibrada})/2]}{[(\text{Emaranhada} + \text{Desmembrada} + \text{Caótica} + \text{Rígida})/4]}$$

Depois de calculados os rácios, os seus resultados são interpretados. Quanto mais elevado for o rácio, acima do valor de 1, maior é o equilíbrio familiar, por outro lado, quanto mais baixo for o rácio abaixo do valor de 1, maior é o desequilíbrio familiar (Olson, 2010). No nosso estudo, o rácio da coesão pode variar entre 0,48 e 3,00, o rácio da flexibilidade entre 0,57 e 3,14 e o rácio total entre 0,60 e 2,83.

Escala Familiar de Autorresposta (SFI) – Versão II

A Escala Familiar de Autorresposta foi desenvolvida por Beavers, Hampson e Hulgus no ano de 1990. Esta escala é constituída por 36 itens e avalia cinco dimensões familiares, sendo elas: a Saúde/Competência, o Conflito, a Coesão, a Expressividade Emocional e a Liderança (Beavers, Hampson & Hulgus, 1990).

A pontuação mínima é de 36 pontos e a pontuação máxima 180, sendo que no que respeita à subescala de saúde/competência pode-se obter um mínimo de 19 e um máximo de 95, na subescala do conflito o valor mínimo é de 12 e o valor máximo é de 60, na subescala da coesão pode variar entre os 5 e os 25, na subescala da liderança a pontuação encontra-se entre os 3 e os 15 e, por último, na subescala da expressividade emocional a pontuação mínima é de 5 e a pontuação máxima é de 25.

Esta escala apresenta consistência interna alta, uma vez que o *alpha de Cronbach* é de 0.73 (Olson, 2011). No nosso estudo o *alpha de Cronbach* é 0.93.

Segundo, Gaudin, Polansky, Kilpatrick e Shilton (1996), resultados elevados na Escala Familiar de Autorresposta, são indicativos de um funcionamento familiar problemático/disfuncional.

2.3. Procedimentos

Os participantes foram recrutados no âmbito de duas unidades curriculares do 1º e 2º ciclos em psicologia do ISMT. Foi solicitado a cada aluno que aplicasse o protocolo a 5 famílias. As escalas foram preenchidas por todos os elementos do agregado familiar, com idade igual ou superior a 12 anos. O protocolo inclui o Consentimento Informado (Apêndice

1), Questionário Sociodemográfico (Apêndice 2), FACES IV e a Escala Familiar de Autorresposta (SFI).

A aplicação do protocolo e a sua recolha foi realizada entre os meses de abril e junho.

2.4. Análise Estatística

A análise estatística deste estudo, realizou-se através do programa estatístico *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20.0. Recorremos a medidas de tendência central e de dispersão, o Teste *t* de *Student*, o Teste de U Mann Whitney e a análise da variância (ANOVA).

3. Resultados

São apresentados os resultados obtidos relativamente às características sociodemográficas da família e ao funcionamento familiar.

3.1. Caracterização das famílias

Conforme indicado na tabela 3, dos 1089 participantes, 323 são mães no agregado familiar (29,7%), 259 são pais (23,8%) e 392 são filhos (36%).

Tabela 3.
Caraterização dos participantes :parentesco e habilitações literárias

Variável	Frequência	% válida	
Parentesco	Pai	259	23,8
	Mãe	323	29,7
	Filhos	392	36
	Avô	1	0,1
	Avó	5	0,5
	Sobrinhos	1	0,1
	Padrasto	6	0,6
	Marido	50	4,6
	Mulher	50	4,6
	Madrasta	2	0,2
	Total	1089	100,0

No que se refere à profissão podemos observar que 324 dos participantes são estudantes (29%) e 162 são especialistas das profissões intelectuais e científicas (14,9%). Podemos também constatar que 492 vivem na cidade (45,2%), 373 vivem na aldeia (34,3%) e 224 vivem numa vila (20,6%). Na raça/etnia, a maioria da amostra, ou seja, 1074 participantes, pertence à raça/etnia caucasiana, constituindo 99,5% da amostra total (ver tabela no apêndice 3).

Tabela 4.
Caraterização do agregado familiar

Variável		Frequência	% válida
Número de elementos por família	2	99	25,6
	3	156	40,3
	4	117	30,2
	5	14	3,6
	6	1	0,3
	Total	387	100,0
Número de menores de 12 anos por família	0	287	74,2
	1	83	21,4
	2	16	4,1
	3	0	0
	4	1	0,3
Total	387	100,0	
Tipo de família	Família nuclear intacta	242	62,5
	Família monoparental	78	20,2
	Família reconstituída	13	3,4
	Família alargada	8	2,1
	Casal sem filhos	37	9,6
	Casal com filhos fora do agregado	9	2,3
	Total	387	100,0
Etapas do ciclo vital	Formação do casal	30	7,8
	Família com filhos pequenos	26	6,7
	Família com filhos na escola	43	11,1
	Família com filhos adolescentes	61	15,8
	Família com filhos adultos	227	58,7
Total	387	100,0	

No que diz respeito à caraterização familiar, 156 famílias são constituídas por 3 elementos (40,3%) e 117 famílias são constituídas por 4 (30,2%). Podemos também observar que 287 famílias não têm filhos com menos de 12 anos (74,2%) e 83 famílias têm um filho menor de 12 anos (20,2%). No que se refere à tipologia familiar, 242 famílias são nucleares intactas (62,5%) e 78 são monoparentais (20,2%). Relativamente à etapa do ciclo vital, 227 famílias estão na etapa de famílias com filhos adultos (58,7%) e 61 na etapa de famílias com filhos adolescentes (15,8%).

3.2. Funcionamento familiar

Analisando as subescalas da FACES IV, relativamente à coesão equilibrada podemos observar que 519 participantes percebem a família muito coesa (47,7%, $M = 59,97$).

Tabela 5.

Análise das subescalas da FACES IV

Subescalas	Nível	N (% válida)	Média	DP
Coesão Equilibrada	Algo coesa	145 (13,3)	59,97	22,90
	Coesa	424 (39,0)		
	Muito coesa	519 (47,7)		
	Total	1088 (100,0)		
Desmembrada	Muito baixo	741 (68,1)	25,29	11,87
	Baixo	260 (23,9)		
	Moderado	62 (5,7)		
	Alto	21 (1,9)		
	Muito alto	4 (0,4)		
	Total	1088 (100,0)		
Emaranhada	Muito baixo	155 (14,3)	38,51	11,70
	Baixo	614 (56,6)		
	Moderado	264 (24,3)		
	Alto	49 (4,5)		
	Muito alto	3 (0,3)		
	Total	1085 (100,0)		
Flexibilidade Equilibrada	Algo flexível	31 (2,8)	65,90	18,27
	Flexível	378 (34,7)		
	Muito flexível	679 (62,4)		
	Total	1088 (100,0)		
Rígida	Muito baixo	174 (16,0)	41,09	14,56
	Baixo	474 (43,6)		
	Moderado	328 (30,1)		
	Alto	102 (9,4)		
	Muito Alto	10 (0,9)		
	Total	1088 (100,0)		
Caótica	Muito baixo	726 (66,9)	25,14	11,82
	Baixo	287 (26,4)		
	Moderado	48 (4,4)		
	Alto	21 (1,9)		
	Muito alto	4 (0,4)		
	Total	1086 (100,0)		

N = número de participantes; DP = desvio padrão.

Quanto à subescala desmembrada, 741 participantes percebem níveis muito baixos de desmembramento (68,1%, $M = 25,29$). Na subescala emaranhada, 614 participantes têm pontuações baixas (23,9%, $M = 38,51$), ou seja, também percebem pouco emaranhamento

nas suas famílias. No que se refere à subescala da flexibilidade equilibrada, 679 participantes percecionam a família como muito flexível (62,4%, $M = 65,90$). Já no que se refere à subescala rígida podemos observar que 474 dos participantes percecionam baixos níveis de rigidez na sua família (43,6%, $M = 41,09$). Na subescala caótica, 726 dos participantes percecionam níveis muito baixos de funcionamento caótico (66,9%, $M = 25,14$).

Tabela 6.
Análise das subescalas da comunicação e satisfação da FACES IV

Subescalas	Nível	N (% válida)	Média	DP
Comunicação	Muito baixo	71 (6,5)	63,38	22,77
	Baixo	71 (6,5)		
	Moderado	213 (19,6)		
	Alto	526 (48,3)		
	Muito alto	208 (19,1)		
	Total	1089 (100,0)		
Satisfação	Muito Baixo	657 (60,4)	20,23	14,03
	Baixo	296 (27,2)		
	Moderado	99 (9,1)		
	Alto	35 (3,2)		
	Muito alto	0 (0)		
	Total	1087 (100,0)		

N = número de participantes; DP = desvio padrão.

Nas subescalas da comunicação e satisfação da FACES IV (tabela 6), podemos observar que 526 dos participantes consideram a comunicação como sendo muito boa na família (48,3%, $M = 63,38$). Na subescala da satisfação, 657 dos participantes estão muito pouco satisfeitos com a sua família (60,4%, $M = 20,23$).

Podemos observar na tabela 7, que nos três rácios – coesão, flexibilidade e total – as famílias percecionam-se maioritariamente como equilibradas nas 3 dimensões.

Tabela 7.
Análise dos rácios da coesão, da flexibilidade e do total

Rácio	Nível	N (% válida)	Média	DP
Coesão	Desequilibrado	57 (5,3)	1,65	0,37
	Equilibrado	1026 (94,7)		
	Total	1083 (100,0)		
Flexibilidade	Desequilibrado	75 (6,9)	1,52	0,36
	Equilibrado	1010 (93,1)		
	Total	1085 (100,0)		
Total	Desequilibrado	55 (5,1)	1,57	0,33
	Equilibrado	1028 (94,9)		
	Total	1083 (100,0)		

N = número de participantes; DP = desvio padrão.

Foram testadas diferenças das médias entre as subescalas da FACES IV em função das habilitações literárias (ver tabela no apêndice 6), criando-se dois grupos: participantes com escolaridade até ao ensino secundário e participantes com licenciatura e/ou com outras qualificações superiores. Observaram-se diferenças significativas em todas as subescalas, à exceção da emaranhada. Os participantes licenciados percebem as suas famílias como mais coesas, mais flexíveis, mais comunicativas e estão mais satisfeitos com a família. Os participantes que possuem escolaridade até ao 12º ano percebem as suas famílias como sendo significativamente mais desmembradas, mais rígidas e mais caóticas.

Fazendo o mesmo teste para a variável do sexo, existem diferenças ao nível da coesão e desmembramento. Os homens percebem a família como menos coesa e mais desmembrada que as mulheres (ver tabela no apêndice 7).

Existem também diferenças entre as famílias que vivem na cidade e as famílias que vivem numa vila/aldeia (ver tabela no apêndice 8). Os participantes que vivem na cidade estão mais satisfeitos com as suas famílias em comparação com os que vivem na vila/aldeia.

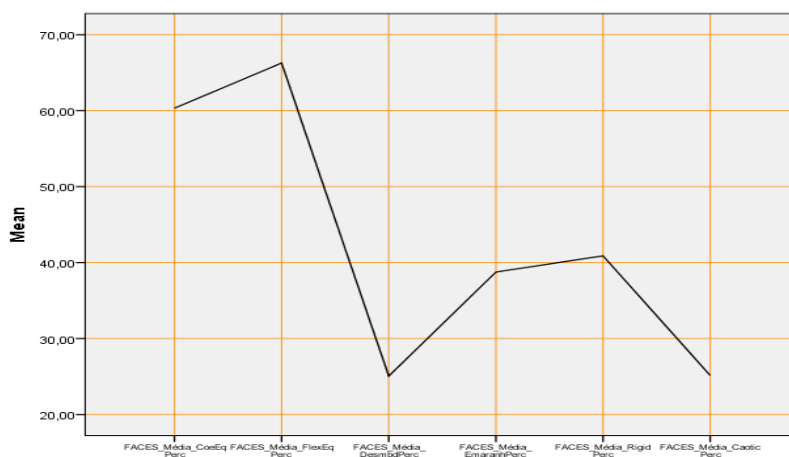


Figura 7. Folha de perfil da amostra total.

Através da análise da folha de perfil, percebemos que as famílias da amostra pontuam valores altos nas subescalas equilibradas da FACES IV e valores baixos nas subescalas desequilibradas da FACES IV, o que significa que são famílias equilibradas.

3.3. Tipologia familiar

A análise dos tipos de família em função dos rácios (ver tabela no apêndice 7), indica que a família monoparental se percebe como menos coesa que a família nuclear intacta e que os casais sem filhos. Relativamente ao rácio total, também existem diferenças entre a

família monoparental e os casais sem filhos, em que a família monoparental se percebe de uma forma mais negativa do que os casais sem filhos.

Tabela 8.

Diferenças entre as famílias nucleares intactas e as famílias monoparentais e as subescalas da FACES IV

Tipologia	Subescalas	N	M (DP)	t	p
Família nuclear intacta	Coesão	746	60,74 (22,08)	2,57	0,01
Família monoparental		181	55,69 (24,09)		
Família nuclear intacta	Desmembrada	746	24,71 (10,99)	-3,10	0,00
Família monoparental		181	28,23 (14,30)		
Família nuclear intacta	Emaranhada	743	38,55 (11,56)	1,19	0,24
Família monoparental		181	37,41 (11,47)		
Família nuclear intacta	Flexibilidade	746	66,35 (17,94)	2,23	0,03
Família monoparental		181	63,01 (18,49)		
Família nuclear intacta	Rígida	746	40,92 (14,28)	-1,21	0,23
Família monoparental		181	42,37 (15,19)		
Família nuclear intacta	Caótica	745	24,75 (11,49)	-1,37	0,17
Família monoparental		180	26,08 (12,52)		
Família nuclear intacta	Comunicação	746	64,06 (21,56)	2,00	0,05
Família monoparental		181	59,99 (25,21)		
Família nuclear intacta	Satisfação	745	20,60 (14,17)	1,08	0,28
Família monoparental		181	19,34 (13,64)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = teste t de Student; p = nível de significância.

Assim, percebemos que existem diferenças ao nível da coesão, da flexibilidade e da comunicação. As famílias nucleares percebem-se como mais coesas do que as famílias monoparentais. Na subescala desmembrada, as famílias monoparentais percebem-se como mais desmembradas do que as famílias nucleares.

Tabela 9.

Diferenças entre as famílias reconstituídas e as famílias alargadas e as subescalas da FACES IV

Tipologia	Subescalas	N	M (DP)	μ	p
Família reconstituída	Coesão	40	59,97 (22,90)	-0,27	0,77
Família alargada		24			
Família reconstituída	Desmembrada	40	25,29 (11,87)	-0,70	0,49
Família alargada		24			
Família reconstituída	Emaranhada	40	38,51 (11,70)	-0,70	0,49
Família alargada		24			
Família reconstituída	Flexibilidade	40	65,90 (18,23)	-1,67	0,09
Família alargada		24			
Família reconstituída	Rígida	40	41,09 (14,56)	-1,12	0,26
Família alargada		24			
Família reconstituída	Caótica	40	25,14 (11,82)	-0,16	0,87
Família alargada		24			
Família reconstituída	Comunicação	40	63,38 (22,77)	-0,10	0,92
Família alargada		24			
Família reconstituída	Satisfação	40	20,23 (14,03)	-1,17	0,24
Família alargada		24			

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; μ = teste de Mann Whitney U; p = nível de significância.

Entre as famílias reconstituídas e as famílias alargadas não existem diferenças estatisticamente significativas, relativamente às dimensões da FACES IV. No entanto, podemos observar que as famílias reconstituídas se percebem de uma forma mais negativa em comparação com as famílias alargadas, no que diz respeito às subescalas da FACES IV.

Tabela 10.

Percepção de pais e filhos quanto às subescalas da FACES IV

Parentesco	Subescalas	N	M (DP)	t	p
Pais	Coesão	590	61,33 (22,25)	2,68	0,01
Filhos		392	57,37 (23,36)		
Pais	Desmembrada	590	24,28 (10,90)	-3,23	0,00
Filhos		392	26,89 (13,31)		
Pais	Emaranhada	589	39,62 (12,04)	4,29	0,00
Filhos		390	36,46 (10,73)		
Pais	Flexibilidade	590	67,40 (17,93)	3,66	0,00
Filhos		392	63,04 (18,87)		
Pais	Rígida	590	40,94 (14,62)	-0,29	0,77
Filhos		392	41,21 (13,90)		
Pais	Caótica	589	24,42 (11,29)	-1,78	0,08
Filhos		391	25,83 (12,52)		
Pais	Comunicação	590	64,83 (22,10)	2,88	0,00
Filhos		392	60,53 (23,53)		
Pais	Satisfação	589	20,16 (14,02)	-0,77	0,44
Filhos		392	20,88 (14,49)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = teste t de Student; p = nível de significância; p < 0,05.

Entre pais e filhos verificámos que existem diferenças em cinco dimensões da FACES IV. Os pais percecionam as suas famílias como mais coesas, mais emaranhadas, mais flexíveis e mais comunicativas que os filhos e os filhos percecionam as suas famílias como mais desmembradas que os pais.

Tabela 11.
Rendimento familiar percepção das dimensões da FACES IV

Rendimento	Subescalas	N	M (DP)	t	p
[250-600]	Coesão	74	56,46 (22,67)	-1,54	0,13
[600-10000]		676	60,80 (23,14)		
[250-600]	Desmembrada	74	26,07 (11,26)	0,94	0,35
[600-10000]		676	24,74 (11,53)		
[250-600]	Emaranhada	74	39,95 (12,22)	0,94	0,35
[600-10000]		676	38,57 (11,86)		
[250-600]	Flexibilidade	74	61,85 (16,86)	-2,07	0,04
[600-10000]		676	66,61 (18,96)		
[250-600]	Rígida	74	43,46 (16,32)	1,70	0,09
[600-10000]		676	40,42 (14,44)		
[250-600]	Caótica	74	25,53 (9,78)	0,29	0,77
[600-10000]		676	25,09 (12,27)		
[250-600]	Comunicação	74	60,47 (23,95)	-1,13	0,26
[600-10000]		676	63,65 (23,00)		
[250-600]	Satisfação	74	16,59 (10,88)	-3,24	0,00
[600-10000]		676	21,05 (14,61)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = teste t de Student; p = nível de significância.

Conforme podemos verificar na tabela 11 existem diferenças significativas ao nível da flexibilidade e da satisfação, em função dos rendimentos da família. Os participantes que fazem parte de famílias com rendimentos acima dos 600 euros percecionam a família como sendo mais flexível e estão mais satisfeitos em comparação com os sujeitos que têm rendimentos abaixo dos 600 euros.

No que respeita às diferenças entre as tipologias familiares e as subescalas da SFI (ver tabela no apêndice 8), podemos verificar que apenas existem diferenças significativas nas subescalas da saúde/competência entre as famílias nucleares intactas e as famílias monoparentais. As famílias monoparentais percecionam-se como menos saudáveis/competentes do que as famílias nucleares intactas. Na subescala da coesão, as famílias nucleares intactas percecionam-se como mais coesas do que as famílias monoparentais e na escala total entre as famílias nucleares intactas e as famílias monoparentais.

Tabela 12.

Famílias Nucleares Intactas: Diferenças entre as etapas do ciclo vital, em função das subescalas da FACES IV

Subescalas	Tipologia (I)	Tipologia (J)	F (≠ I e J)	p
Coesão	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	7,72*	0,03
Flexibilidade	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	9,04*	0,00
	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	-5,77*	0,00
Emaranhada	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	3,68	0,05
Caótica	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	-3,20	0,05
Comunicação	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	8,84*	0,01
	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	7,58*	0,01

F = teste Tukey; ≠ = diferença; p = nível de significância.

Analisando as diferenças entre as subescalas da FACES IV e as etapas do ciclo vital, verifica-se que nas famílias nucleares intactas existem diferenças entre famílias com filhos na escola e famílias com filhos adultos ao nível da coesão, do desmembramento e da comunicação. As famílias com filhos na escola percecionam-se como mais coesas, com uma melhor comunicação e menos desmembradas que as famílias com filhos adultos.

Existem ainda diferenças entre famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos no que respeita à flexibilidade e à comunicação. As famílias com filhos adolescentes percecionam-se como sendo mais flexíveis e com uma comunicação melhor do que as famílias com filhos adultos.

Tabela 13.

Famílias Monoparentais: Diferenças entre as etapas do ciclo vital, em função das subescalas da FACES IV

Subescalas	ECV (I)	ECV (J)	M I (DP)	M J (DP)	t	p
Flexibilidade	Família com filhos na escola	Família com filhos adolescentes	76,60 (25,95)	60,38 (15,78)	2,07	0,04
	Rígida	Família com filhos na escola	Família com filhos adolescentes	35,60 (2,97)	47,54 (15,83)	-4,66
		Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	35,60 (2,97)	40,48 (14,78)	-2,60
	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	47,54 (15,83)	40,48 (14,78)	2,83	0,05

ECV = etapa ciclo vital; t = Teste t de Student; M = média; DP = desvio padrão; p = nível de significância.

Nas famílias monoparentais verificam-se diferenças entre famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes ao nível da flexibilidade e da rigidez. As famílias com filhos na escola percecionam-se como mais flexíveis e menos rígidas em comparação com as famílias com filhos adolescentes. Entre famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos há também diferenças no emaranhamento e rigidez. As famílias com filhos adolescentes percecionam-se como mais emaranhadas e mais rígidas que as famílias com filhos adultos. O mesmo acontece entre famílias com filhos na escola e famílias com filhos adultos quanto à rigidez. As famílias com filhos na escola percecionam-se como menos rígidas do que as famílias com filhos adultos.

Discussão

Com estes resultados podemos concluir que: 1) as famílias nucleares intactas percecionam-se como sendo mais funcionais (mais coesas, flexíveis, saudáveis/competentes, com uma melhor comunicação e menos desmembradas) comparativamente com as famílias monoparentais; 2) os pais percecionam a família como sendo mais funcional do que os filhos (mais coesa, emaranhada, flexível, com uma melhor comunicação e menos desmembrada); 3) as famílias com um rendimento superior a 600 euros percecionam-se como mais flexíveis e estão mais satisfeitas com a família do que as famílias com um rendimento inferior a 600 euros; 4) existem diferenças nas famílias nucleares intactas e monoparentais, em diferentes etapas do ciclo vital, nas dimensões coesão, flexibilidade, emaranhamento, rigidez, caótica e comunicação.

As famílias nucleares intactas percecionam-se como sendo mais funcionais em relação às famílias monoparentais, tendo sido encontradas diferenças ao nível da coesão, da flexibilidade, da saúde/competência, da comunicação e do desmembramento. Este resultado vai ao encontro de um estudo realizado por Shek, Xie e Lin, no ano de 2015, em que o objetivo dos autores era investigar as diferenças existentes no funcionamento familiar entre as famílias nucleares intactas e as outras tipologias familiares e concluíram que o funcionamento familiar era mais positivo nas famílias nucleares intactas do que nas outras configurações familiares.

No entanto, um estudo realizado por Almeida, em 2014, tendo como objetivo analisar as diferenças no funcionamento familiar entre as diversas configurações familiares, através da perceção de filhos adolescentes e de pais, concluiu que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre as diversas tipologias familiares ao nível do funcionamento familiar, ainda que as famílias nucleares intactas obtivessem resultados mais satisfatórios que as restantes tipologias familiares.

Relativamente às famílias monoparentais, verificaram-se diferenças ao nível da coesão, da flexibilidade, da saúde/competência, da comunicação e do desmembramento, no sentido em que estas se percecionam como mais desmembradas e mais disfuncionais. Estes resultados são corroborados pelo estudo realizado por Grzybowski, em 2003, que concluiu que estas famílias percecionam a sua satisfação de uma forma mais negativa do que o que seria esperado, mostrando-se insatisfeitas com as relações familiares.

Um dos fatores que poderá estar relacionado com o facto de as famílias monoparentais se percecionarem como mais insatisfeitas é a ausência de um dos elementos no subsistema

parental. Esta ausência pode levar à parentificação, por norma o filho mais velho, o que influencia o seu desenvolvimento individual e a sua satisfação com a família.

De acordo com Alarcão (2002), as famílias monoparentais registam algumas diferenças comparativamente às famílias nucleares intactas, nomeadamente na comunicação e também na coesão, sendo mais coesas, dado esse que não é comprovado neste estudo.

Contudo, um outro estudo realizado por Lucas (2012), concluiu que de um modo geral, estas famílias monoparentais femininas têm uma boa perceção das suas forças enquanto família. Ainda assim, esta boa perceção das forças familiares está relacionada com o bem-estar psicológico e com o número de filhos, isto é, as mães das famílias monoparentais com menos filhos e com um provável bem-estar psicológico tendem a ter uma perceção das forças mais positiva do que as mães de famílias monoparentais com mais filhos e com um provável sofrimento psicológico.

Ao nível da perceção de pais e filhos em relação ao funcionamento familiar, existem diferenças nas dimensões da coesão, do emaranhamento, da flexibilidade, da comunicação e do desmembramento, sendo que os filhos percecionam a família como menos coesa, emaranhada, flexível, com uma comunicação menos satisfatória e mais desmembrada do que os pais. Estas diferenças justificam-se com os resultados dos estudos de Shek, Xie e Lin (2015) em que os adolescentes consideram o funcionamento familiar mais pobre do que os pais, e de Almeida (2014), que concluiu que existem diferenças ao nível da perceção do funcionamento familiar entre pais e filhos, no sentido em que os filhos percecionam o funcionamento familiar mais negativo do que os pais.

Um estudo realizado por Loios (2014), analisou a perceção dos filhos adolescentes em relação ao funcionamento familiar e concluiu que a perceção de um funcionamento desadequado está relacionada com estratégias de *coping* desadaptativas e com desajustamento psicossocial dos jovens.

No que respeita aos rendimentos, estudos comprovam que famílias com rendimentos superiores se encontram mais satisfeitas, como é o caso do estudo realizado por King, Boyd e Thorsen (2015), que nos diz que o facto de existirem maiores recursos económicos na família, pode reduzir o stresse e aumentar o sentimento de pertença na família, o que indiretamente está relacionado com a satisfação familiar.

De acordo com Lito e colaboradores (2007), o nível de rendimento tem sido considerado um indicador bastante relevante para uma boa qualidade de vida. Também para Hagquist (1998; citado por Turunen, 2013), a situação económica da família está relacionada

com o bem-estar da mesma, isto é, quanto mais baixos os rendimentos, menor será o bem-estar familiar e quanto mais altos os rendimentos, maior será o bem-estar da família.

De facto, faz todo o sentido que os rendimentos estejam relacionados com a satisfação familiar. Não ter os rendimentos suficientes para suportar as despesas e proporcionar o indispensável à família, pode ser motivo de vários conflitos entre os elementos, provocando insatisfação, problemas e múltiplas dificuldades familiares.

As diferenças existentes entre as várias etapas do ciclo vital verificam-se essencialmente ao nível da família com filhos na escola. Assim, estas diferenças podem em parte ser justificadas segundo o preenchimento dos protocolos. Ou seja, a etapa de famílias com filhos na escola, implica que os filhos ainda não tenham 12 anos e por isso não preencheram o protocolo. As outras etapas em que existem diferenças estatisticamente significativas são as famílias com filhos adolescentes e as famílias com filhos adultos. A adolescência é um período de grandes mudanças e caracteriza-se pelo testar de limites, pela luta da sua autonomização, pela fase da sua afirmação, o que implica algum grau de conflito e negociação entre os elementos da família, facto que poderá ajudar a explicar os resultados obtidos. Nas famílias com filhos adultos que ainda vivem em casa, a insatisfação relatada poderá prender-se com as circunstâncias em que a permanência em casa acontece, como por exemplo a dependência económica dos filhos e as limitações práticas que esta coabitação pode impor à autonomia destes filhos. Estes dados podem também ser explicados pelas circunstâncias económicas e sociais de crise que o nosso país atravessa (Alarcão, 2002).

Um estudo realizado por Agostinho (2009), avaliou a relação entre estilos parentais educativos, adaptabilidade, coesão, coparentalidade e resiliência em dois momentos do ciclo vital do desenvolvimento da família, sendo eles famílias com filhos na escola e famílias com filhos adultos. Concluiu que estas variáveis estão positivamente correlacionadas entre si e que a etapa do ciclo vital em que a família se encontra não é decisiva na alteração destas relações. Os estilos parentais são preditores do modo como os sujeitos percecionam o funcionamento familiar, isto é, quanto mais positivo for, melhor o funcionamento é percecionado.

Conclusão

Este estudo teve como principal objetivo analisar as diferenças no funcionamento familiar existentes entre as diferentes configurações familiares. As principais conclusões que podemos retirar deste estudo vão de encontro a outros estudos realizados anteriormente, isto é, as famílias nucleares intactas têm uma perceção mais positiva do seu funcionamento familiar do que as famílias monoparentais. As monoparentais percecionam-se como sendo mais disfuncionais do que as famílias nucleares intactas. A perceção dos filhos em relação ao funcionamento familiar tende a ser mais negativa do que a dos pais. Famílias com rendimentos superiores a 600 euros apresentam uma perceção de maior satisfação com a família do que os agregados com rendimentos inferiores a 600 euros. Comprovou-se a existência de diferenças na perceção de funcionamento familiar ao longo das diversas etapas do ciclo vital da família.

A principal limitação encontrada neste estudo foi o reduzido número de famílias reconstituídas e alargadas, não permitindo fazer uma comparação ajustada entre todas as tipologias familiares. Assim, seria interessante alargar os participantes a outras famílias. Será também interessante envolver participantes de uma amostra clínica de forma a poder comparar o funcionamento familiar não só entre as diversas configurações familiares, como também entre populações clínicas e não-clínicas.

Deste trabalho podem também retirar-se algumas implicações clínicas relevantes para a intervenção com as novas formas de família, em particular com aquelas que não correspondem à família nuclear intacta. Devemos olhar para estas famílias atendendo às crises e desafios com se deparam e procurar ajudá-las a ativar os processos de resiliência necessários à superação e à evolução da família e dos seus elementos. Importa ainda atender às especificidades contextuais de cada família e enquadrar os seus desafios, crises e recursos num quadro mais alargado de funcionamento.

Bibliografia

- Agostinho, A. (2009). *Filhos na escola e filhos adultos: a relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica e da Saúde na área Sistémica, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade de Lisboa.
- Alarcão, M. (2002). Desenvolvimento familiar. In Alarcão, *(Des)equilíbrios familiares* (pp. 107-219). Portugal: Quarteto Editora.
- Almeida, I. (2014). *Configuração familiar, percepção de funcionamento familiar e autoconceito adolescente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, apresentada à Escola Superior e Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Barker, P. (2000). Famílias saudáveis e a sua evolução. In Barker, *Fundamentos da terapia familiar* (pp. 23-34). Portugal: Climepsi Editores.
- Beavers, R., Hampson, R. & Hulgus, Y. (1990). Self-report family inventory. *Beavers Systems Model Manual: 1990 Edition* 4(3), 422-430. Dallas, TX, Southwest Family Institute.
- Calil, V., (1987). O modelo sistémico. In Calil, *Terapia Familiar e de casal* (pp. 17-33). Brasil: Summus Editorial.
- Falceto, O. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: validação das escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawn e Avaliação Global do Funcionamento Interacional (GARF)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Medicina: Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Falceto, O., Busnello, E. & Bozzetti, M. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. *Pan American Journal of Public Health* 7(4), 255-262.
doi: 10.1590/S1020-49892000000400007
- Gaudin, J., Polansky, N., Kilpatrick, A. & Shilton, P. (1996). *Family structure and functioning in neglectful families*. National Data Archive on Child Abuse and Neglect: Department of Social Work, University of Georgia.
- Gonçalves, A. & Pereira, M. (2011). Variáveis familiares e toxicodpendência. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar* 14(2), 228-251.

- Grzybowski, L. (2003). Famílias monoparentais: reflexo da pós-modernidade?. In Guareschi, P., Pizzinato, A., Krüger, L., & Macedo, M., *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 113-123). Porto Alegre: Edipucrs.
- Kennett, J. (2001). *Perceived parental roles in stepfamilies implications for family cohesion and functionig*. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of master of arts, in the Faculty of Education, Simon Fraser University.
- King, V., Boyd, L., & Thorsen, M. (2015). Adolescents' perceptions of family belonging in stepfamilies. *Journal of Marriage and Family* 77(3), 761-774. doi: 10.1111/jomf.12181
- Lito, A., Matias, A., Torres, A., Costa, A., Lobo, C., Maciel, D., Rodrigues, E., Mendes, F., Machado, F., Pereira, I., Sousa, I., Capucha, L., Abranches, M., Guerreiro, M., Lopes, N., Abrantes, P., Mauritti, R., Brites, R., Mateus, S., Leal, S., Martins, S., & Seabra, T. (2007). Quotidiano e qualidade de vida. *Portugal no Contexto Europeu* 3, 1-281.
- Loios, S. (2014). *A relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial do adolescente: efeito mediador das estratégias de coping*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na área Sistémica, apresentada à Faculdade de Psicologia na Universidade de Lisboa.
- Lucas, M. (2012). *Forças nas famílias monoparentais femininas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no Ramo de Especialização de Família e Intervenção Sistémica, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Marangoni, I., & Júnior, H. (2011). As relações socioafetivas na família reconstituída. *Jornada de Iniciação Científica* 7, 1-20.
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D. (2010). *FACES IV, Scoring & Storing Data*. Life Innovations, Inc. (<http://www.facesiv.com/pdf/scoring.pdf>).
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: validation study. *Journal of Marital & Family Therapy* 3(1), 64-80. doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x.
- Olson, D., Bell, R. & Portner, J. (1992). FACES II. *Family Inventories Manual*. Minneapolis, MN: Life Innovations.
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. *Normal Family Processes* 3, 514-547.
- Olson, D., Sprenkle, D. & Russell, C. (1979). Circumplex modelo of marital and family systems I: cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process* 18, 3-28. doi: 10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x

- Rúa, C. (2005). Las nuevas tipologías familiares y los malestares interrelacionales que se suscitan en ellas. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte 14*.
- Shek, D., Xie, Q., & Lin, L. (2015). The impact of family intactness on family functioning, parental control, and parent-child relational qualities in a Chinese context. *Frontiers in Pediatrics 2*(149), 1-7. doi: 10.3389/fped.2014.00149
- Smith, S. (1996). *Clinical utility of the family adaptation and cohesion evaluation scales III (FACES III)*. Dissertação em Terapia Conjugal e Familiar, apresentada à Faculdade de Pós-Graduação da Universidade do Texas.
- Turunen, J. (2013). Family structure, gender, and adolescent emotional well-being. *Journal of Divorce & Remarriage 54*(6), 476-504. doi: 10.1080/10502556.2013.810982
- Vicente, H. & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica 53*, 157-181.
- Videira, J. (2013). *Queixas somáticas e funcionamento familiar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no Ramo de Especialização em Família e Intervenção Sistémica, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Wall, K., & Lobo, C. (1999). Famílias monoparentais em Portugal. *Análise Social 34*, 123-145.

